

Banqueiros já se preparam para a moratória

Fritz Utzerl

Nova Iorque — Os bancos americanos estão-se preparando para a hipótese de uma moratória brasileira, provavelmente uma suspensão de pagamentos de juros (já que o principal que vence este ano já foi renegociado, através do projeto 2, em dezembro do ano passado).

Essa moratória, ou “suspensão temporária” dos pagamentos, como alguns banqueiros preferem chamá-la, é tão possível que os acionistas do Chase Manhattan Bank, um dos maiores credores do Brasil, foram informados dessa possibilidade no último relatório do banco, que mostra os volumes dos empréstimos externos da instituição.

Como o México

Uma moratória de 90 dias não seria uma catástrofe no mercado, segundo alguns banqueiros. Eles lembram que, ao negociar sua dívida, no ano passado, o México também declarou uma moratória. Hoje, o país está de novo negociando com os bancos, obteve novos empréstimos e as parcelas do FMI estão em dia.

A posição de um banqueiro de um dos maiores bancos de Nova Iorque é de franco pessimismo: não vai haver acordo, formal ou informal, entre o Brasil e o FMI, tão cedo. Alguns acham que o diretor-gerente do Fundo só se manifestará, na melhor hipótese, no final de agosto. Até agora, sabe-se, de concreto, que de Larosière e Bill Rhodes (novo coordenador da dívida brasileira) já se encontraram algumas vezes para discutir o problema brasileiro, mas o teor das conversas não foi revelado.

O fato é que o FMI e os banqueiros continuam enredados nos números brasileiros, que um banqueiro qualificou de “imprecisos”. “O fato”, disse um banqueiro, “é que a situação do Brasil está mudando toda a semana, e o próprio comitê de economistas dos bancos, que esteve recentemente no Brasil, precisou pedir explicações diretamente a Langoni (presidente do Banco Central do Brasil), devido à inconsistência de certas estatísticas.” No momento, o subcomitê de economia está trabalhando para levantar as necessidades de novos recursos do Brasil para este ano e para 1984. Mas, segundo um banqueiro, o total de recursos só poderá ser estabelecido depois que se tiver uma idéia concreta a respeito de dados como a inflação este ano.

Para um porta-voz de um dos maiores bancos de Nova Iorque, “os banqueiros estão vendo a situação brasileira, agora, muito semelhante à do México em setembro, outubro e novembro do ano passado, quando também estava negociando com o FMI e dependia de um acordo com o Fundo para obter novos créditos dos bancos”. O executivo, entretanto, não quis particularizar se sua comparação incluía a moratória que o México, então, declarou. Segundo essa fonte, os bancos têm o que chamou de “uma estratégia longa” para a fase 2 das negociações com o Brasil (pedidos de novos créditos para este ano e para 1984).

Outro banqueiro, que admite a possibilidade da moratória, disse que não vê no quadro brasileiro nenhum sentido de crise iminente. Acrescenta que a moratória “não é o fim do mundo”, fazendo parte do processo de reestruturação de pagamentos de países como o México, Venezuela e do Brasil. “Acho que o dinheiro do Fundo vai demorar e o Brasil, provavelmente, vai ter que suspender, temporariamente, seus pagamentos por, digamos, 90 dias, ganhando fôlego até que tudo se renegocie.”

Uma moratória de três meses, a partir de 1º de setembro, obrigaria os bancos a classificarem seus créditos ao Brasil como **non performing**. (Por contrato, os empréstimos vencidos e não pagos há mais de 60 dias estão nessa categoria). Isso significa que teriam de contabilizá-los como prejuízo. Uma moratória de 90 dias, até de 1º de dezembro, permitiria aos bancos conhecer, no final do ano, a extensão exata dos empréstimos **non performing**. Com a suspensão da moratória, as operações brasileiras seriam de novo boas (isto é, deixariam de ser contabilizadas como prejuízo).